

1REPRESENTAÇÕES METALINGUÍSTICAS PRESENTES NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NA LEITURA EM LÍNGUA APARENTADA

Christian Degache²

Louise Dabène³

Tradução⁴

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar alguns aspectos da atividade metalinguística de sujeitos de língua francesa no processo de leitura de textos em uma língua românica desconhecida por eles, atividade essa apreendida a partir de seus próprios discursos sobre a construção de sentido. As sequências metalinguísticas assinaladas são classificadas em uma taxonomia organizada, por um lado, de acordo com sua espontaneidade mais ou menos aparente, e, por outro lado, com seu nível de conceitualização avaliada pelo grau de estruturação das afirmações emitidas ou questões submetidas. Os resultados obtidos são, então, avaliados sumariamente do ponto de vista quantitativo e discutidos levando em consideração os requisitos da elaboração paralela de um dispositivo de auxílio à compreensão para um público de estudantes não especialistas.

Palavras-chave: Metalinguística. Construção de sentido. Leitura. Línguas românicas.

O programa Galatea: objetivos e funcionamento

O programa Galatea (DABÈNE, 1994), contém, é bom lembrar, três etapas: em primeira instância, trata-se, para nós, de analisar as estratégias empíricas colocadas em prática por falantes nativos em uma língua românica no processo de leitura de um texto em uma outra língua românica desconhecida por eles⁵. Vários pares de idiomas foram assim selecionados: do francês ao espanhol, ao italiano, ao português, ao catalão e vice-versa. Em uma segunda etapa, uma análise pré-didática nos permite evidenciar áreas de dificuldades previsíveis para a construção de sentido. A terceira etapa, conduzida paralelamente com a segunda, dedicada-

¹ Tradução de DABÈNE, L., DEGACHE, C. Les représentations métalinguistiques incidentes à la construction du sens dans la lecture en langue voisine. In SOUCHON, M. (org.), *Pratiques discursives et acquisition des langues étrangères*, Actes du Xè Colloque International: Acquisition d'une langue étrangère: perspectives et recherches, Besançon, Université de Franche-Comté, Centre de linguistique appliquée de Besançon, 1998, p. 373-383, www.galanet.eu/publication/fichiers/dl-dc1998.pdf

² Professor titular (Professeur des Universités) na Unidade de Formação e Pesquisa (UFR LLASIC, dep. Ciências da Linguagem e FLE) da Université Grenoble-Alpes

³ Professor no Lycée de Sèvres (1958-1967). Assistente de espanhol na Universidade de Nanterre (1967-1969), assistente de mestre no Instituto de Linguística Aplicada e Didática da Linguagem da Universidade de Vincennes (1969-1973). Professor na Universidade Stendhal - Grenoble 3 (1973-1998)

⁴ Fernanda Martins Felix - Doutoranda em Estudos Linguísticos - Universidade Federal do Paraná e Thomas de Fornel - Doutorando em co-tutela Université de Bordeaux e Universidade Federal do Paraná

⁵ Obras financiadas pelo MRT, pelo DRED, PPSH da região Rhône-Alpes e pela União Latina

se à elaboração de documentos pedagógicos multimidiáticos à luz dos resultados das duas fases anteriores⁶ (ver DABÈNE, L., 1995 para a concepção curricular).

É obviamente na primeira dessas três etapas que as considerações a seguir vão se apoiar. De fato, essa etapa, que já foi objeto de análise em outros momentos, como por exemplo em uma conferência durante o congresso "Aquisição de uma língua estrangeira: perspectivas e pesquisas" (MALHEIROS-POULET *et al.*, 1994), nos permitiu identificar, através das verbalizações coletadas, vários comportamentos que podem ser qualificados como metalinguísticos.

Os comportamentos metalinguísticos

Ao longo das várias tarefas "infligidas" aos nossos sujeitos, eles foram inevitavelmente conduzidos a se perguntar, a comentar, a comparar e até a regular sobre os objetos languageiros que lhes foram oferecidos. Essa atividade, como veremos, assumiu diferentes formas e graus desiguais de explicitação. Portanto, classificaremos sob o termo comum de metalinguística todas as verbalizações que têm por objeto um fato de língua, mesmo que os termos empregados pelos sujeitos naquela ocasião não pertençam a uma metalinguagem específica. Nessa perspectiva, aderimos ao ponto de vista expresso por Gombert (1990) que define os comportamentos metalinguísticos como "processos cognitivos de gestão consciente, tanto de objetos languageiros quanto de seus usos". Nossa reflexão se concentra principalmente sobre as atividades dos aprendizes independentemente do uso que eles possam fazer das ferramentas heurísticas, em sua maioria herdada de suas histórias escolares (mesmo que estas desempenhem um papel significativo, como veremos mais adiante).

Metodologia

O protocolo consistiu em propor a uma amostra relativamente limitada de falantes de pelo menos uma língua românica a leitura de uma notícia de imprensa

⁶ O financiamento esta doravante concedido pela União europeia (programas Socrates-Língua Ação D).

em uma língua românica desconhecida por eles, com a única instrução de buscarem compreender a notícia. Após essa leitura, em que a oferta de tempo não foi limitada, os sujeitos foram submetidos a várias perguntas:

- quer de natureza semântica, para coletar suas interpretações do texto;
- quer de natureza metacognitiva a fim de explorar, por meio da introspecção, seus modos de leitura, suas âncoras semânticas, suas estratégias de construção de sentido, os tipos de raciocínio seguidos, as zonas de opacidade remanescentes, os conhecimentos preliminares reinvestidos;
- quer de natureza metalinguísticas, isto é que exijam abertamente do sujeito considerações sobre a língua: identificação da natureza e/ou da função de uma unidade, identificação dos tempos verbais, distinção das unidades de categoria gramatical (verbos, nomes, artigos definidos).

A entrevista acabava com uma fase de caráter semi-didático, uma vez que os sujeitos tinham a oportunidade de solicitar as informações lexicais e gramaticais para completarem e verificarem sua compreensão.

Esse dispositivo metodológico revela todas as características de uma entrevista cujo objetivo é a observação e a exploração de condutas mantidas pela amostra não necessariamente representativa, porém, mais modestamente, “ilustrativa”, de populações que poderiam se tornar alvo de pesquisas posteriores. O modelo de questionário empregado é de entrevista *semiestruturada* (MATSUMATO, 1994). As considerações que seguem são essencialmente relativas ao confronto com o espanhol por falantes francófonos.

Para uma tipologia das sequências metalinguísticas

Diante da profusão de verbalizações que por parte dos sujeitos, uma atividade de reflexão de natureza metalinguística, necessitamos adotar princípios de classificação. Dois eixos fundamentais nos surgiram, que servirão como fios condutores para discutir essas atividades um pouco mais precisamente.

Um primeiro eixo é paralelo aos processos de geração de dados: constatemos antes de tudo que as fases de investigação são compostas por modalidades mais ou menos enxutas e que entre as tarefas oferecidas algumas conduzem mais explicitamente do que outras a observações de caráter “meta”.

Poderíamos assim classificar as sequências em função da maior ou menor espontaneidade de aparição. Levemos em conta, no entanto, que segundo a natureza inteiramente metalinguística da situação, nenhuma verbalização pode ser considerada inteiramente espontânea (COSTE, 1985, p.79). Classificaremos, portanto, no grau mínimo de solicitação as afirmações realizadas pelo leitor a partir da ausência de qualquer questionamento ou incitação direta por parte dos entrevistados, quer dizer sem outra solicitação, apenas suas próprias condições de observação, mais frequentes no início da entrevista. Como, por exemplo:

B2/E8⁷ “[ãnfoka’ba la pRezãntado’Ra pRezãntado’Ra] Bom, visto que tem um “a”, eu acredito que seria feminino e então seria “apresentadora”...”;

No entanto, quantitativamente, as sequências metalinguísticas proferidas com o mínimo grau de solicitação são poucas.

Contrariamente, podemos encontrar em um grau superior verbalizações emitidas como respostas a uma interrogação de natureza abertamente metalinguística, uma reformulação que pretende prolongar a introspecção:

B3/E21 “- frequentemente, enfim, eu imagino que o verbo esteja próximo do sujeito, então quando eu consigo perceber quem é o sujeito, bom... porque o verbo é frequentemente, enfim, frequentemente sozinho, né...”

B3q4 “(B3) – (“La siguiente imagen”...) Isso me faz pensar na « sangrenta imagem”...

(Entrev.) – Ah, então seria um adjetivo?”

Entre esses dois casos extremos acharemos valores intermediários, por exemplo, de sequências emitidas em resposta a reações de tipo “por quê?”, sem recorrer explicitamente à metalingua, ou simples encorajamentos, como por exemplo:

B7q4 “[’mjɛntras]... não é um verbo, na minha opinião... mas...

(Entrev.) – Então você procede por eliminação, não é um verbo, e depois... ?

(B7) – Tem o sujeito aqui eu acho... [...]”;

Um segundo eixo tem relação com o grau de conceitualização que manifestam essas sequências. Podem exprimir asserções, comentários ou

⁷ B2 : sujeito binômio (francês como única língua românica de referência) n°2/ E8: referências no corpus.

⁸ Nota dos tradutores: *présentatrice* no original. Os excertos foram todos traduzidos do francês.

interrogações cujo conteúdo exprime um trabalho de reflexão consciente mais ou menos elaborado sobre o objeto língua.

Atividade metalinguística elementar (Tipo 1):

O primeiro grau aparece constituído pelos procedimentos elementares de equivalência de significantes, nas tentativas parciais de tradução (“a” quer dizer “b”), a partir do momento em que a prática de equivalência suscita uma comparação ou uma confrontação de significantes:

B12 *“Então, sobre o título, bom [ˈmwɛRte]... é... está bem próximo ... porque tem o « m » e ao final tem o « t » e o « e », então adivinhamos...”*

Atividade metalinguística local:

O grau que segue é constituído pelas identificações empíricas e/ou parciais que se fundamentam na referência a saberes linguageiros pontuais e isoláveis anteriormente adquiridos em LM ou uma outra LE. Essas observações não ultrapassam o quadro do ambiente textual imediato nas quais se inscrevem, por esse motivo as qualificamos como “locais”.

Pode-se apontar:

- **(Tipo 2)** quer seja uma atividade que funciona “pedaço por pedaço” e nesse caso temos a qualificação de **empírica**, como no exemplo seguinte:

B9/E4 *“[kuRãdeRi ˈsismo] deve ser uma coisa como “cuidar” porque vem do latim, [kuRãR]”*

- **(Tipo 3)** quer seja em um procedimento já mais elaborado, em uma tentativa de racionalizar o emprego de certos itens gramaticais, conferindo-lhes um valor significativo preciso e falaremos nesse caso de **atividade metalinguística estruturante**:

TA/E5⁹ *“envolvía” (TA) – [ɛnvɔlˈvja] ... “que envelopa, que envolve...” sempre tem a palavra... não, isso não tem nada a ver... eu queria dizer [ˈvia], mas porque é certamente qualquer coisa conjugada... um verbo... bem [ɛnvɔl] tem a raiz “envolvido”...”*

⁹ TA: sujeito trinômio (duas línguas românicas de referência, o francês e o italiano) identificado pela letra A.

Além da segmentação, esse tipo de estruturação pode igualmente se relacionar com a busca por um tempo verbal de um verbo, a categorização pontual, a reparação das categorias em uma frase particular, o encadeamento de proposições ou de partes do texto. Embora de natureza local, elas podem dar lugar a hipóteses pertinentes sobre a gramática da língua-alvo, em que os sujeitos se apoiam sobre seus conhecimentos e “**representações metalinguísticas**” (VÉRONIQUE, 1990):

B4/E7 “*Era en realidad un estertor*” “- A primeira palavra deve ser um verbo, mas... deve ser um verbo mais um pronome, certamente, enfim... os dois juntos...

(Entrev.) – É uma hipótese sobre a gramática da língua, o pronome e o verbo se contraem?

B4 Não, porque se imaginamos que há “qualquer coisa em realidade”, em seguida deve vir um nome comum, porque parece que [un] tem jeito de ser um nome comum. Então deve haver um verbo em algum lugar! ”.

Atividade metalinguística generalizante

Nós reunimos sob esse termo as atividades que manifestam uma tentativa de formalização, de “regulamentação” da língua-alvo. Acontece, efetivamente, que o sujeito formula uma regra de valor geral, que estima poder lhe servir como uma hipótese na construção do sentido e como fio condutor para o que eventualmente segue.

Essa elaboração pode se realizar de acordo com dois processos diferentes:

- **(Tipo 4)** um **processo de transferência interlingual** em que a representação de regras se constitui a partir do saber metalinguístico sobre a língua materna ou uma outra língua anteriormente aprendida.

B14Phase2 “... enfim, eu tenho na cabeça que as palavras se organizam como em francês, em que há sujeito-verbo-complemento...”

B3/E11/Indi “bom, eu parto do princípio de que não é como em alemão... as palavras se encadeiam umas às outras, não tem realocações! ”

- **(Tipo 5)** um **processo intralingual de conceitualização**, sobre a LE, fundamentado sobre as observações tiradas do texto e as análises como ferramentas heurísticas de valor geral.

T2/E23/Prov “Os infinitivos, eu diria que eles terminam em [aR]”¹⁰.

Exploração da tipologia

A tipologia assim exposta nos permite quantificar a atividade metalinguística verbalizada dos sujeitos. Certamente a contagem das sequências sobre uma entrevista é obviamente aproximativa, porque a medida dos graus de solicitação de uma sequência e sua tipologização são em grande parte questão de avaliação. Todavia, o tamanho das sequências não é levada em consideração. Apesar dessas insuficiências, essa contagem parece constituir uma ferramenta de estimativa interessante que nos permite observar os dois aspectos seguintes:

1. Dispersão quantitativa sobre os dois eixos da tipologia das sequências metalinguísticas produzidas por 12 sujeitos

	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 3	Tipo 4	Tipo 5
Solicit. mini	5	7	11	6	3
Intermediária	5	14	44	7	6
Solicit. max	0	0	19	21	15

No caso de certamente essa tabela de dispersão mostrar primeiramente e acima de tudo a incidência metalinguística das diferentes questões da entrevista¹¹, ela permite, todavia, inferir as duas constatações seguintes:

- Na ausência de qualquer solicitação direta, a atividade metalinguística dos 12 sujeitos já alcança um grau de elaboração significativa;
- Por menos que os sujeitos sejam solicitados, a atividade metalinguística se intensifica e diversifica e a tendência a generalizar aumenta, o que não parece desinteressante para nossa perspectiva didática.

¹⁰ Hipótese que, ainda mais que outras, pode parecer bastante elementar, mas que se pode constatar ausente nos binômios.

¹¹ Assim, as 44 sequências de Tipo 3 em solicitação intermediária indicam as demandas de tradução justificada de segmentos de texto e as quantidades obtidas no grau de solicitação máximo correspondem majoritariamente a questões de natureza abertamente metalinguística.

Dessa maneira, falta apenas questionar sobre as relações que envolvem essa atividade metalinguística com a construção de sentido. Será possível para cada sujeito individualmente encontrar uma correlação positiva entre a qualidade da compreensão e a importância da atividade metalinguística?

2. Variações metalinguísticas interindividuais:

De maneira a fazer aparecer as variações interindividuais da atividade metalinguística, levemos em conta três valores por sujeito: dois domínios “institucionais” e um domínio “textual” (CORDER, 1980):

- O **volume de elaboração de sequências metalinguísticas (VEM)**: de maneira a valorizar o grau de elaboração de sequências, para cada tipo, seus números (n) são multiplicados por sua posição na tipologia (de 1 a 5): $VEM = n_1+n_2+n_3+n_4+n_5$.

- A **taxa de espontaneidade das sequências metalinguísticas (TEM)** é obtida pela relação do volume de elaboração com o grau geral de solicitação (**GGs**)¹² das sequências identificadas. $TEM = VEM \div GGS$. Os sujeitos que manifestam suas atividades metalinguísticas de maneira mais espontânea obtêm, portanto, uma taxa mais elevada.

- A **taxa corrigida**¹³ **de reconhecimento dos verbos do texto (TCV)**.

Os sujeitos cuja atividade metalinguística é mais elaborada e mais espontânea são os que obtêm as melhores **performances de compreensão (PDC)**? Comparemos as variações metalinguísticas interindividuais com uma classificação da amostragem estabelecida (DEGACHE, 1996, p. 197) em função do número de núcleos de sentido conhecidos ou aproximados (total de 14).

Os resultados obtidos pelos quatro valores considerados são apresentados na tabela seguinte. Para facilitar a leitura, figuram entre parênteses para cada valor considerado a classificação do sujeito no seio da amostra. Ademais, uma

¹² Distinguímos 5 graus diferentes de solicitação: 1= espontâneo; 2= indireto por indução; 3= indireto por encorajamento; 4= indireto por reformulação; 5= provocado (DEGACHE, 1996, p.375). Para obter o GGS, multiplicamos para cada sujeito o grau pelo número (m) de sequências registradas ($GGS = m_1+m_2+m_3+m_4+m_5$). Por consequência, quanto mais elevado for o GGS, menos as sequências são espontâneas.

¹³ Entre as unidades destacadas pelos sujeitos, algumas não tinham nenhuma relação com as formas verbais. Afim de levar em conta esses “equivocos”, variáveis em número de um sujeito a outro, decidimos no momento da contagem por aplicar a fórmula seguinte: (x destaques – y equivocos) ÷

classificação metalinguística média (CMM) foi estabelecida a partir dos resultados de VEM e TEM para uma apreciação global e comparativa da atividade reflexiva dos sujeitos:

Sujeito	VEM	TEM	CMM	TCV	PDC
B3	59 (1º)	0,83 (12º)	(6º)	57% (10º)	8,5 (6º)
B4	45 (5º)	0,98 (9º)	(7º)	80% (3º)	5,5 (9º)
B7	56 (3º)	1,10 (4º)	(2º)	82% (2º)	9,5 (4º)
B8	35 (10º)	0,85 (11º)	(12º)	18% (12º)	4 (11º)
B9	40 (8º)	1,00 (7º)	(9º)	73% (5º)	7 (8º)
B10	30 (12º)	1,00 (7º)	(9º)	73% (5º)	7 (8º)
B11	41 (7º)	1,46 (2º)	(3º)	80% (4º)	8,5 (5º)
B12	35 (10º)	1,06 (6º)	(10º)	57% (9º)	4,5 (10º)
B13	54 (4º)	1,59 (1º)	(1º)	39% (11º)	4 (12º)
B14	42 (6º)	1,13 (3º)	(4º)	59% (7º)	7 (7º)
T1	58 (2º)	0,95 (10º)	(5º)	68% (6º)	11 (2º)
T2	39 (9º)	1,08 (5º)	(8º)	95% (1º)	12 (1º)

Análise dos resultados

A extensão limitada da amostra nos obriga à prudência sobre as observações quantitativas acerca dessas explorações. Entretanto, se confrontamos a classificação metalinguística média (CMM) com a performance (PDC), observamos que, aparte os casos “extremos” de B13 e B10 e em mínima medida, os dois sujeitos trinômios, há uma certa correlação entre a qualidade de verbalizações metalinguísticas e a performance de compreensão.

Observamos também (confrontando TCV e PDC), que uma boa identificação dos verbos não é suficiente para garantir um bom nível de entendimento (ver B4 e B9 que identificam cerca de 3 verbos sobre 4), mas uma baixa taxa de identificação de verbos é um bom indicador de compreensão fraca (este é o caso de B13 em particular). Apenas B10 escapa à regra. É verdade que a falha ou o sucesso na compreensão dependem de muitos outros fatores, como, por exemplo, a qualidade dos processos de estruturação e de elaboração (MALHEIROS *et al.*, 1994). B10 dispõe especificamente de recursos de inferência e de antecipação (abordagem

onomasiológica faltante em B13) suficientemente efetivas para compensar insuficiências semasiológicas.

Obviamente, o caso dos trinômios deve ser considerado separadamente, pois sua construção de sentido se beneficia de muito mais ancoragens lexicais pelo método da equivalência sem confrontação dos significantes, graças ao recurso ao italiano. A influência dos domínios metalinguísticas é, então, muito menor.

Observações finais

Na perspectiva didática, de acordo com os resultados obtidos, pode parecer que deveríamos encorajar a reflexão metalinguística assim como a execução de exercícios metalinguísticos, como localizar verbos, desde que a interatividade e o equilíbrio de diferentes processos de construção de sentido sejam arranjados (para evitar situações como aquela de B13).

No entanto, é interessante constatar que os próprios sujeitos, intuitivamente, não necessariamente compartilham esse ponto de vista. É o caso de B7 que, apesar de uma atividade metalinguística relativamente desenvolvida, acredita que “para entender um texto como esse [...] pode-se conseguir sem gramática”. Assim, poderia haver um atraso relativo entre a atividade metalinguística efetiva do sujeito e a representação, de ordem metacognitiva, que ele faz disso. O impacto dessa representação pode ser crucial para o momento de elaboração pedagógica de incentivos para pensar sobre a língua. Sem dúvida, é necessário garantir que os alunos percebam esse interesse, caso contrário a motivação corre o risco de diminuir.

Parece-nos, portanto, que é através da tomada de controle metacognitivo de sua aprendizagem que o aluno pode procurar maximizar suas potencialidades metalinguísticas. Para isso, em conformidade com a informatização de documentos pedagógicos, parece apropriado planejar o monitoramento das etapas e respostas do aluno em relação às ajudas e solicitações metalinguísticas que são propostas, a fim de elaborar periodicamente um relatório na presença de um professor-tutor.

METALINGUISTIC REPRESENTATIONS PRESENT IN THE CONSTRUCTION OF MEANING IN READING IN A RELATED LANGUAGE

Abstract: This article aims to analyze some aspects of metalinguistic activities employed by francophone subjects when reading a text in an unknown romance language. Those activities are apprehended from their own discourses about the construction of meaning. The outlined metalinguistic sequences are classified under an organized taxonomy, according to the spontaneity of apparition by one side and their level of conceptualization evaluated by the degree of structuration related to assertions or proposed questions. We have analyzed results from a quantitative point of view, having under consideration the demands for a comprehension-aid device designed for non-expert alumni in a parallel elaboration.

Keywords: Metalinguistics. Meaning construction. Reading. Romance languages.

Referências bibliográficas

CORDER, S. P. La sollicitation des données d'interlangue. In PERDUE, C.; PORQUIER, R. (Orgs). **Langages**, n° 57, 1980. p. 29-41.

COSTE, D. Métalangages, activité métalinguistique et enseignement/apprentissage d'une langue étrangère. In **DRLAV. Documentation et Recherche en Linguistique Allemande Vincennes**, n° 32, 1985. p. 63-932.

DABÈNE, L. Le projet européen Galatea : pour une didactique de l'intercompréhension des langues romanes. In **Etudes Hispaniques**, n°22, Actes du colloque d'Aix-en-Provence, 1994. p. 41-45.

DABÈNE, L. Apprendre à comprendre une langue voisine, quelles conceptions curriculaires? In COSTE ; LEHMANN (Orgs.). **Langues et curriculum. Contenus, programmes et parcours**. ELA, n° 98, Didier Érudition, 1995. p. 103-112.

DEGACHE, C. **L'activité métalinguistique de lecteurs francophones débutants en espagnol**. Thèse de doctorat label européen. Université Stendhal, Grenoble, 1996.

GOMBERT, J.-E. **Le développement métalinguistique**. Paris, PUF, 1990.

MALHEIROS POULET M. E. ; DEGACHE C. ; MASPERI M. (1994) : L'activité de compréhension écrite en langue voisines (domaine des langues romanes) : stratégies d'accès au sens de textes narratifs. In **Actes du IXe colloque international : Acquisition d'une langue étrangère. Profils d'apprenants**. Publications de l'Université de Saint-Etienne, 1994.

MATSUMOTO, K. Introspection, Verbal Reports and Second Language Learning Strategy Research. In **La Revue Canadienne des Langues Vivantes**. 50/2, 1994. p. 363-386.

VERONIQUE, D. À la rencontre de l'autre langue : réflexions sur les représentations dans l'apprentissage d'une langue étrangère. In BEACCO ; LEHMANN (Orgs.). **Publics spécifiques et communication spécialisée, Le Français dans le Monde, Recherches et Applications**. Hachette, Paris, 1990. p. 17-24.

Data da Submissão : 02/11/2019
Data da Aprovação : 26/12/2019